



Jorge Viveiros de Castro, editor da 7Letras, explica que a coleção Rocinante funciona com parcerias e se pretende um selo de qualidade que publica autores inéditos e consagrados. Editora e autores dividem despesas de publicação, mas isso não significa que qualquer um com dinheiro para gastar consiga publicar. Há um processo de seleção envolvendo oito profissionais que lêem o material enviado à editora – uma média de 30 manuscritos por semana. Cinqüenta títulos foram publicados em três anos, inclusive *Histórias do Bom Deus*, de Rainer Maria Rilke (foto).

cadernog@gazetadopovo.com.br

LITERATURA | QUATRO ESCRITORES DE CURITIBA LANÇAM LIVROS DE ESTRÉIA PELA COLEÇÃO ROCINANTE, DA EDITORA 7LETRAS



Mário Araújo: a escrita como prazer.



Carlos Machado: ambição de ser lido.



Lindsey Rocha: paixão pelas letras.



Assionara Souza: humildade e paciência.

A NOVA ONDA

NA FRANÇA DOS ANOS 50, JOVENS CRÍTICOS DE NOMES TRUFFAUT, GODARD E CHABROL DEIXARAM A REDAÇÃO DA REVISTA CAHIERS DU CINEMA PARA SE TORNAREM DIRETORES. Em um intervalo de tempo curto para os padrões cinematográficos, lançaram filmes que mudaram por completo a maneira como o cinema era feito no mundo. Foi uma revolução, mais tarde chamada de Nouvelle Vague ("nova onda").

Na Curitiba dos anos 00, quatro jovens formados em Letras saem do ambiente acadêmico para se tornarem escritores (confira trechos das obras e pequenas biografias ao lado). No prazo de meses – mais ou menos entre setembro e dezembro do ano passado –, lançam livros de estréia pela 7Letras, dentro da coleção Rocinante. Ainda é cedo para gritar "revolução", mas o fato de conseguirem publicar em um mercado como brasileiro e serem (ou viverem) em Curitiba pode caracterizar uma cena literária local. A nova onda das letras paranaenses.

Começou com Carlos Machado. Depois de esperar anos para ser publicado por uma editora que deu o bolo, retomou seus textos e os apresentou para o editor Jorge Viveiros de Castro, da 7Letras. O resultado foi a antologia de contos *A Voz do Outro* (2004), seguido, no ano passado, de *Nós, da Província: Diálogos com o Carbone*.

No curso de Letras da Universidade Federal do Paraná, Machado conheceu Lindsey Rocha e Assionara Souza. Elas, sem saber uma da outra, enviaram originais para a editora carioca e emplacaram *Nervuras do Silêncio* (prosa poética de Lindsey) e *Cecília Não É um Cachimbo* (contos de Assionara). Fora do grupo, Mário Araújo – curitibano residente no Uruguai – completa a quadrilha com *A Hora Extrema*, também de contos.

Além da tendência para narrativas curtas, os quatro compartilhavam Curitiba como cenário e, às vezes, personagem. Para a poetisa Assionara (a única "estrangeira" do quarteto), a cidade é "cheia de mistérios", "silenciosamente violenta", "bonita" e "triste". Machado a considera "contraditória": "Uma cidade que precisa ser reconstruída novamente, mas



“**Às 9h30, a mãe pressiona o interruptor e as sombras que havia no quarto correm e se escondem debaixo dos móveis. A mãe aplina o lençol e o cobertor sobre seu peito e retira-se. (...) Na volta do banheiro, aliviado, avança o passo até a cozinha (...) e rouba o velho despertador de ponteiros barulhentos, que pisam cada segundo como de salto alto.**”

A Hora Extrema, de Mário Araújo (160 págs., R\$ 29)

O DIPLOMATA

Há 13 anos longe de Curitiba, sua cidade natal, Mário Araújo nasceu em 1963. Trabalhou como arte-educador e redator de publicidade. Recebeu menções honrosas em concursos literários e teve contos publicados na mídia impressa e na internet. Diplomata de carreira, hoje vive em Montevidéu (Uruguai).

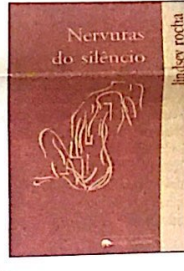


“**Quando estou quase chegando perto do café, esbarro em uma mulher com seus vinte e poucos anos junto a um homem com uma bengala. Eu os reconheço. (...) Eles vão de encontro ao homem-que-não-me-era-estranho e, com uma complexidade íntima, sentam-se à mesma mesa. (...) A mulher: então, trouxemos o livro que pediu que escrevêssemos.**”

Nós, da Província: Diálogos com o Carbone, de Carlos Machado (196 págs., R\$ 23)

O MÚSICO

Carlos Machado nasceu em Curitiba em 1977. É músico, letrista, compositor e professor. Lançou dois discos com a banda Sad Theory. Pela 7Letras, publicou *A Voz do Outro* (sua estréia) e, em junho, deve lançar *Balada de uma Retina Sul-Americana*, relato de uma viagem por Uruguai, Argentina e Chile.

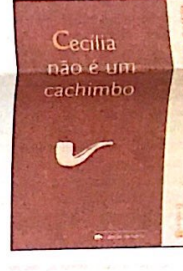


“**O vento escorre pelos vãos das portas, desfigura o rosto do tédio, implode as paredes da casa, canta o silêncio que precede a tempestade, traz grãos de duna para dentro das pupilas. Lá fora, nos recantos de uma paisagem de restos, não há sequer um parêntese que enclausure a chuva. (...) As horas fluem, líquidas, por entre montanhas de areia nômade.**”

Nervuras do Silêncio, de Lindsey Rocha (64 págs., R\$ 19)

A ATRIZ

Curitibana, Lindsey Rocha nasceu em 1977. Leciona Língua Portuguesa e Literatura, estuda artes cênicas e plásticas, a partir de autores como Tennessee Williams, Arthur Miller e William Shakespeare. Atuou nas montagens teatrais *Passatempo Gaiato* (2004) e *Bárbara e Ulisses* (2005), ambas dirigidas por Fátima Ortiz.



“**E aqui temos três coisas: um cachimbo; um cigarro; um cinzeiro. Sendo que a primeira: o cachimbo, como se disse antes, pode reconhecer-se como uma junção da segunda: o cigarro; e da terceira: o cinzeiro. Mas cigarro é só um nome que se dá a uma coisa: o cigarro. O que isso significa pode ser encontrado em outras coisas. No conhaque, por exemplo; ou até num poema.**”

Cecília Não É um Cachimbo, de Assionara Souza (188 págs., R\$ 22)

A PESQUISADORA

Assionara Souza é de 1969. Na infância, transitou entre Curitiba, Caicó (onde nasceu) e Natal – essas duas no Rio Grande do Norte. Fixou residência na capital paranaense em 1990. Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná, pesquisa a obra de Osman Lins e leciona Literatura Brasileira.

que continua, sem maiores problemas, sabendo dessa impossibilidade”. Araújo acredita que ela está se tornando “menos trinita, menos provinciana”. Já Lindsey se abstém: “Nunca estive muito tempo longe daqui. Talvez por isso não tenha uma visão apurada da cidade. E algo me diz que isso é muito triste”.

Primeira vez

Das dificuldades impostas pelo mercado editorial do Brasil – que passam por poucos leitores, baixo poder aquisitivo e altos preços de livros –, é de se imaginar qual é a sensação do escritor que vê seu trabalho editado pela primeira vez. “É mais ou menos como uma mudança de estado físico da matéria”, explica Araújo, para quem o livro morre quando é finalizado, ressuscita ao ser editado e volta a morrer pouco depois.

“Nada acontece enquanto não encontrarmos o primeiro leitor: é só ele que importa. E todos os leitores são sempre o primeiro, porque a visão é sempre diferente”, diz Assionara. Machado lembra do alívio que sentiu, “como se tivesse tirado um piano das costas”. Para Lindsey, “dá vertigem”. “Sensação de estar e não estar em vários lugares ao mesmo tempo.”

Pretensões

Nas palavras de Assionara, “qualquer pretensão literária é ousada”. “Escrever é lidar com limitações”, afirma. Machado considera o processo de criação “muito angustiante” e gosta quando termina um trabalho – momento em que pode lê-lo. “Eu escrevo porque leio. Escrever sempre me pareceu uma consequência da leitura.” Postura que explica sua maior ambição: de, simplesmente, ser lido.

“Preto continuar escrevendo, publicando, cavando espaço”, diz Lindsey. Por fim, Araújo deseja “escrever um livro sempre melhor que o anterior”. “Hoje estou certo de que um escritor evolui, amadurece, aprende a lidar com os problemas que se apresentam no dia-a-dia da escrita.”

• LUIZ NETTO